

# Coisas do Gênero

REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO



Coisas do Gênero é licenciada sob uma Licença Creative Commons

## O amor de Outono: Uma narrativa (auto)formadora em rodas de conversa de professoras

Love in Autumn: A (self)developing narrative in conversation tables held by teachers

Lúcia Maria Vaz Peres\*

Rose Mary Kerr de Barros\*\*

**Resumo:** Este texto refere-se a um ensaio teórico-metodológico sobre o feminino e o amor de professoras que participaram de um projeto de extensão intitulado “rodas de conversas para mulheres professoras”. O ensaio deu voz a uma protagonista, que nominamos *Outono*, cuja narrativa foi analisada à luz da psicologia analítica de Carl Jung e das histórias de vida e (auto)formação, de Marie-Christine Josso. O método de análise foi o da amplificação simbólica a partir de um conto inuíte, chamado Mulher-esqueleto. A questão que instigou a problematizar este caso era saber como essa vivência na sua relação com o conto foi se tornando uma experiência formadora. Na narrativa de Outono, ela relatou o reencontro com o “homem de capa preta”, do qual há muito se afastara. Esta vivência levou-a à uma tomada de consciência libertadora, cuja situação de mulher professora possibilitou o processo de resgate do feminino no seu sentido simbólico. Em especial, na busca de felicidade que trouxesse novos sentidos à vida deste feminino que, secretamente, se mantinha sucateado em prol do trabalho. Percebemos que Outono empreendeu um caminhar em direção a si mesma, tanto no que se refere à esfera pessoal quanto profissional.

**Palavras-chave:** Educação. Psicologia analítica. Narrativa (auto)formadora. Feminino. Amor.

**Abstract:** This paper refers to a theoretical-methodological essay about the feminine and love expressed by teachers who took part in an extension project named “conversation tables for female teachers”. The essay gave voice to the protagonist called Autumn, whose narrative was analyzed in the light of Carl Jung’s Analytical Psychology and Marie-Christine Josso’s Life Stories and (Self) Development. The method of analysis was the symbolic amplification based on the Inuit short story named The Skeleton Woman. The question that urged us to problematize this case was: How did your relation with the short story become a developing experience? In her narrative, Autumn reported her second meeting with the “man in the black cloak”, the one from whom she had kept away for a long time. This experience led her to liberating awareness raising since her situation as a female teacher enabled her to rescue her feminine in its symbolic sense, mainly regarding her search for happiness, so as to bring new senses to her feminine life which was secretly scrapped due to work.

\* Pós-doutora em Educação e Imaginário, professora titular da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória. Contato: lp2709@gmail.com

\*\* Mestre em Educação, Psicóloga e Analista Junguiana. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel. Contato: roseb@terra.com.br



We perceived that Autumn undertook a journey towards herself, both personally and professionally.

**Keywords:** Education. Analytical psychology. (Self)Developing narrative. Feminine. Love.

### De onde partimos

O presente texto tem como objetivo traçar uma interlocução prioritariamente entre a psicologia analítica, de Carl Jung, e as histórias de vida e (auto)formação, de Marie-Christine Josso. O intuito é refletir sobre a vivência de uma mulher em seu processo de “transformação” a partir de um encontro com o amor. Referimo-nos a um trabalho de extensão intitulado “rodas de conversa para mulheres professoras”, cujo objetivo foi discutir temas considerados importantes para o grupo no que tange as suas demandas. Sendo assim, daremos voz através de nossos autores e autoras (referências fundadoras dessa prática e também desse texto), a esta professora, como protagonista do que viemos experienciando. Ela generosamente compartilha sua história conosco. Vamos chamá-la de Outono para facilitar o relato.

Desejamos, portanto, compartilhar a narrativa de Outono e pensar neste processo vivido por ela, levando em consideração que, como afirma Marie Josso<sup>1</sup>, ao trabalharmos as questões identitárias, fazemos emergir expressões da nossa existencialidade. Diz ela também que todo o ser humano passa por quatro buscas: a busca de felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou busca do ‘real’ e a busca de sentido.<sup>2</sup> É através da análise e da interpretação dessa narrativa oral que buscamos apreender os aspectos simbólicos e (auto)formadores, tanto no que se refere aos aspectos ligados à consciência quanto aos relacionados à participação de processos inconscientes – ambos serão levados em consideração. Desse modo, é nossa intenção atentar para o “todo” de Outono que estará presente nesta narrativa. Jung<sup>3</sup> afirma que nossa busca não deve ser pela perfeição, mas pela totalidade. Na ideia da perfeição está implícita uma esterilidade, já que nada mais precisa ser criado. Já a ideia de totalidade, seja qual for seu significado, tem como premissa que “o si mesmo do homem, trata-se empiricamente de uma imagem da finalidade da vida, produzida espontaneamente pelo inconsciente, para além dos desejos e temores da consciência. Representa a finalidade do homem total”<sup>4</sup>.

Começamos respondendo à pergunta: Quem é Outono? Uma professora, meia-idade, divorciada há mais de vinte anos, com filhos. Outono relata-nos que sua mãe (já falecida) era uma mulher forte e que era muito ligada a ela. O pai idoso e bastante afetivo passou a viver com ela e seus filhos após a morte de sua mãe. Embora uma pessoa bastante sensível e extrovertida, Outono manteve-se dedicada apenas ao trabalho, aos amigos e à vida familiar, afastada de qualquer

<sup>1</sup> JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>2</sup> JOSSO, 2004.

<sup>3</sup> JUNG, Carl Gustav. *Resposta a Jó*. Obras completas. Vol. 11/4. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>4</sup> JUNG, 2008, p. 102.



relacionamento amoroso desde a separação. Devido à sua competência e dedicação, neste período ela obteve bastante destaque e realização com sua atividade profissional, garantindo, dessa forma, estabilidade financeira e patrimonial. Outono, através de seu próprio esforço pessoal, é uma mulher de sucesso no mundo do *logos*, este mundo da polaridade ligada ao masculino, *yang*, ativo. Devemos destacar este fato em função das relações que desejamos estabelecer mais adiante.

### **O encontro com o amor – uma narrativa entre o vivido e o imaginado**

Conta-nos Outono, talvez por ser filha única, que sempre se viu como uma espécie de menina em busca de companhia... queria conversar, falar, buscava amizade e fazia pactos de lealdade... A imaginação foi sempre sua fiel escudeira. O amor e a própria amizade de vínculo íntimo que estabelecia com o outro eram, preferivelmente, mantidos nos bastidores da vida, porém, vividos intensamente. Essa menina, feliz e realizada com a face alheia que acaricia seus mais recônditos desejos, foi, em um momento da sua vida, surpreendida pelo medo repressor – aquele senhor de capa escura que avisa: cuidado, nem todos os amores são de confiança, muitos deles (talvez a maioria) querem nos golpear, nos lançar no pior drama da vida: o de sentir que para ser amada seria preciso pagar um preço. Assustada, foge e, na ânsia de afastar essa espécie de vaticínio, desvia-se de qualquer vestimenta que se assemelha a uma capa, mesmo as asas de um anjo não são mais vistas como salvadoras, mas como dedos delatores. A imaginação passa a ser um refúgio ou um recuo diante do medo de não ser amada, de não receber o suficiente aquilo que oferece ao outro.

Parece que a melhor maneira de romper com essa percepção do amor-negócio foi encontrar um itinerário que a levasse novamente ao encontro desse ser de capa escura. Talvez a melhor forma de começar o diálogo fosse: agradeço a proteção que me deste, mas de tão intensa que ela foi, acabei me fechando para todos os amores, como se todos tivessem recebido uma sentença por abandonar o outro. A menina, agora mulher, passou por poucos momentos que a permitiram encontrar esse itinerário. Talvez agora esteja passando pelo momento mais significativo... Independentemente da vestimenta, o que aparece em sua vida é um libertário, aquele que fará com que ela prove do fruto da árvore da vida... será aquele que a encorajará a encontrar esse itinerário como modo de recuperar o sonho perdido... será ele que possibilitará a ela ver, no lugar de uma capa escura, dois braços prontos para segurar seus desejos... ver no repressor o protetor ausente...

Eis que num certo dia este itinerário, não mais que de repente, se plasma... Mal sabia ela de que naquela manhã de abril, tudo aconteceria... Assim: embarca num ônibus rumo a uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e de repente um homem (jovem) muito simpático sorri a ela, para o qual ela pede uma informação... Segundo sua narrativa, algo se abala e abala os corpos habitados por aquelas duas pessoas sedentas de algo. Sim! Ambos estavam sedentos, por razões diferentes...



Pareciam buscar um elo que pudesse dar mais sentido às suas vidas... E, então, ali algo se instala fortuitamente... Por entre troca de palavras e olhares, foram engatando uma palavra na outra e, algumas horas depois, as palavras foram costurando sonhos que não requeria decifrações. Mesmo assim, no quase inominável tudo foi sendo nominado numa avalanche de jogos verbais e corporais. O devaneio em ato se instalou e o céu estrelado foi a eles dado a conhecer e a sonhar. Foram instigados, com a permissão de ambos... Forjaram-se sonhos constelantes e a construção fácil e efêmera das mil figuras de seus desejos. Tudo na tentativa de fixar estrelas no céu e sonhos em seus corações como elos de uma forte corrente, que invisivelmente foi amarrando um ao outro... Seria este homem aquele senhor de capa escura? Independentemente da resposta, Outono deixou-se levar pelo embalo deste encanto que a seduzia dia a dia, mesmo em meio a resistências. O resultado? Levou-a da suavidade e leveza do paraíso ao fogo ardente e exonerante do inferno.

Esta foi a história narrada por Outono, que aqui transcrevemos desde o modo como a percebemos.

### **Pausa para algumas interlocuções com o caso – conceitos importantes**

A questão que nos instiga a problematizar este caso é saber como essa vivência se torna uma experiência formadora. Apostamos que o enfrentamento e a entrega com o homem de capa preta pode ser uma vivência que levou Outono a uma tomada de consciência libertadora. Consciência de uma mulher professora, cujo feminino no seu sentido simbólico requeria objetivações na sua existencialidade, em especial na busca de felicidade que trouxesse novos sentidos à vida deste feminino que, secretamente, se mantinha sucateado em prol do trabalho. Josso<sup>5</sup> preconiza o caminho em direção às quatro buscas como integradoras da autoformação e da consciência. Neste artigo, problematizamos teoricamente a narrativa de Outono à luz dos estudos autobiográficos de formação e da psicologia analítica.

Em Marie Josso<sup>6</sup>, encontramos a força da narrativa como uma das modalidades de tornar consciente as vivências.

[...] os projetos de vida, os múltiplos recursos relacionados às aquisições experienciais, etc., esse trabalho de reflexão a partir do uso das narrativas na autoformação (pensando, se sensibilizando, imaginando, se emocionando, apreciando, amando) permite fazer um balanço [...] Trabalhar as questões identitárias, expressões da nossa existencialidade, por meio da análise e interpretação da narrativa de vida escrita, permite realçar a pluralidade, a fragilidade e o movimento de nossas identidades ao longo da vida. As descobertas que desafiam a representação convencional de uma identidade que seria definível, em um dado momento, graças à sua estabilidade conquistada, assim como uma

<sup>5</sup> JOSSO, 2004.

<sup>6</sup> JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARRETO, Cristhianny Bento (orgs.). *A nova aventura [auto]biográfica*, Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 59-89.

identidade que se desconstruía pelo jogo dos movimentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais.<sup>7</sup>

A seguir, conceituamos alguns termos da psicologia analítica que utilizamos nesta escrita com a finalidade de especificar nosso ponto de vista sobre o processo de Outono, definindo assim nossa perspectiva.

Começamos dizendo que hoje falar de inconsciente é quase senso comum, mas a psicologia de Carl Jung é, principalmente, uma psicologia do inconsciente. Para o referido autor<sup>8</sup>, o inconsciente divide-se em pessoal e coletivo. Conforme escreve, o inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode se distinguir de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste, em sua maior parte, de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”, na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação”. Tais formas não seriam categorias do intelecto, mas categorias da *faculdade imaginativa*. Estes produtos da fantasia seriam sempre acessíveis a observação, tendo a forma de imagens e de imagens típicas. “A pesquisa comparada das religiões e dos mitos, do mesmo modo que a psicologia dos sonhos e das psicoses são verdadeiras minas de dados”<sup>9</sup>. A partir dessas referências, torna-se claro que a representação do arquétipo – literalmente uma forma preexistente – não é exclusivamente um conceito de Jung, mas também é reconhecido em outros campos da ciência.

Precisamos também apontar o que queremos dizer quando nos referimos a símbolo e, neste sentido, Jung define símbolo como a melhor expressão de algo desconhecido. Do ponto de vista junguiano, o símbolo não possui um significado fechado, mas apresenta-se como uma aproximação, uma possibilidade, algo que aponta para um significado, mas que não pode ser reduzido a este. Assim também o é para Gilbert Durand<sup>10</sup>. Contudo, cabe dizer que o símbolo é algo

<sup>7</sup> JOSSO, 2016, p. 60-61.

<sup>8</sup> JUNG, 2008.

<sup>9</sup> JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião oriental*. Obras completas. Vol. 11/5. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 43.

<sup>10</sup> DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.



prioritário para a compreensão de uma hermenêutica simbólica substancial. “O símbolo é, pois, uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto, é a epifania de um mistério”<sup>11</sup>. A própria etimologia da palavra símbolo remete a este aspecto transcendido e misterioso: “Símbolo de origem grega (*sumbolon*) como em hebraico (*mashal*) ou em alemão (*Sinnbild*), é um termo que implica sempre a união de duas *metades*: signo e significado”<sup>12</sup>.

Na narrativa de Outono, encontramos vários símbolos que serão traduzidos para a consciência através da amplificação simbólica que, segundo Penna<sup>13</sup>, é um método criado por Jung desde o início de sua obra, mas que passa a ser utilizada com essa nomenclatura a partir de 1930, quando passa a ser definido, apresentado e discutido<sup>14</sup>. Para a referida autora, o símbolo é a forma como o arquétipo (que é inconsciente) se manifesta. O procedimento, cujas raízes se encontram no teste de associação de palavras e no conceito de pensamento não dirigido, mas que flui por imagens, analogias e metáforas, apoia-se no significado preexistente do símbolo, ou seja, seu caráter arquetípico. É um método aplicado para favorecer a tradução do símbolo, evidenciando seu aspecto arquetípico e utilizando a coerência de ideias presente em diferentes sistemas de conhecimento (religião, filosofia, história, literatura, mitologia). Para facilitar a organização e sistematização deste método analítico, buscamos em Eloisa Penna<sup>15</sup> o alicerce deste método, quando afirma que “com a amplificação, buscam-se, sobretudo, os significados arquetípicos do símbolo”<sup>16</sup>.

### Retornando ao nosso tema

Nosso trabalho começa quando Outono narra sua história, quando estávamos trabalhando a temática do amor na roda e logo a seguir é exposta a Caixa de Areia<sup>17</sup> (trabalho executado fora do grupo), com o intuito de expressar a dor que agora sente, após ter saído do paraíso e adentrado no exonerante fogo do inferno com o término da relação. É então o momento que se defronta com a seguinte imagem:

---

<sup>11</sup> DURAND, 1988, p. 16.

<sup>12</sup> DURAND, 1988, p. 15.

<sup>13</sup> PENNA, Eloisa M.D. *Epistemologia e método na obra de C.G. Jung*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2013.

<sup>14</sup> A autora elaborou uma importante sistematização da epistemologia e do método presentes na obra de Jung através de uma extensa pesquisa bibliográfica em sua dissertação (PUC-SP, 1999), publicada em livro em 2013.

<sup>15</sup> PENNA, 2013.

<sup>16</sup> PENNA, 2013, p. 2013.

<sup>17</sup> *Sandplay* – técnica expressiva junguiana de acesso ao inconsciente. Na obra “Identidade e subjetividade de Professores – sentidos do aprender e do ensinar”, a autora Beatriz Scoz (2012) apresenta o uso da técnica na área de educação, especificamente na formação de professores.



Qual não foi o susto de Outono ao dizer: “O que é isso? Que imagem macabra! Uma mulher meio viva meio esqueleto?”

Outono encontra na imagem dois símbolos: um par de seios femininos e um rosto de caveira. Assustador realmente, mas não condizente com a emoção despertada, porque, de acordo com *O livro dos símbolos*<sup>18</sup>, encontramos no símbolo dos seios “um aspecto maternal que é um dos aspectos dominantes”. Apesar de seus muitos significados arquetípicos, o seio está intimamente ligado à nutrição em seu aspecto gerador. Desde seu nível básico até as complexas imagens cristãs e alquímicas, o seio expressa opostos, contendo o criativo e o destrutivo ao mesmo tempo. Representa a chama divina, o centro ardente de onde vem o elixir. Ainda segundo *O livro dos símbolos*,

Associado ao erótico e ao sexual, o seio conota desejo, beleza de forma, abundância e artifício. Trata-se de revelar e ocultar, de seduzir e abrir-se à consumação. Trata-se de estimular, excitar e potencialmente transcender o tempo e o espaço, ainda que muito brevemente. Está assim simbolicamente ligado à condição mágico-religiosa do divino.<sup>19</sup>

O símbolo pode estar expressando esta condição maternal de Outono que fica presente em sua vida na medida em que alimentava seus filhos, alunos, familiares e amigos, mas que não dava a devida atenção aos aspectos que envolviam sua própria necessidade de viver uma relação onde o amor e a sexualidade estivessem presentes. Outono criou e sustentou com seu alimento muitos “filhos”, gerando os mais variados rebentos, mas não cuidava adequadamente de sua própria necessidade de nutrição. Pensar neste símbolo pelo seu aspecto sexual e erótico parece indicar que Outono precisava deste *eros* em sua caminhada.

<sup>18</sup> MARTIN, Kathleen. *O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas*. Colonia, Alemanha: Taschen, 2012, p. 388.

<sup>19</sup> MARTIN, 2012, p. 388.



O outro símbolo pode ser analisado a partir dos ossos presentes na imagem através do rosto-caveira que remete a ossos e esqueleto. Utilizamos-nos novamente de *O livro dos símbolos* para afirmar que

Evocando a estrutura arquetípica da alma da experiência ancestral que suporta a personalidade e transcende o espaço e o tempo, os ossos estão igualmente onde a reanimação mítica de uma pessoa morta deve começar. Como parte das iniciações xamãs do Ártico, por exemplo, o aprendiz “morre” num sonho, visão ou transe e é desmembrado, os ossos são limpos e a carne é deitada fora. O esqueleto é depois reconstruído para suportar uma nova encarnação xamã que tem a durabilidade de mediar entre os reinos pessoal e transpessoal.<sup>20</sup>

Talvez esta imagem sugira que Outono precisa, realmente, fazer esta passagem para esta nova encarnação, onde o esqueleto, a alma ancestral, faça a conexão entre estes diferentes opostos em sua vida – o imprescindível equilíbrio entre os aspectos espirituais e instintivos em sua jornada.

E desejamos chamar uma importante autora junguiana, Clarissa Pinkola Estés, analista norte-americana, cujo livro *Mulheres que correm com os lobos*<sup>21</sup> nos ajuda na amplificação simbólica necessária para o entendimento do processo inconsciente de Outono. Relataremos uma antiga história do povo inuíte<sup>22</sup> que está na obra citada acima para elucidar os aspectos simbólicos da imagem de Outono chamada “A mulher-esqueleto”.

Na história, uma mulher faz alguma coisa que o pai não aprova e ele a arrasta até os penhascos atirando-a ao mar. Os peixes devoram sua carne e arrancam os olhos. Seu esqueleto rola com as correntes muitas vezes, jazendo no fundo do mar. Um dia um pescador lança o anzol que se enreda nas costelas da mulher-esqueleto e ele pensa estar tirando da água um peixe enorme, que lhe possibilitaria ficar muito tempo sem pescar, luta tanto que a linha se enreda cada vez mais. Então, após muita luta, o esqueleto inteiro cai em seu caiaque provocando pavor no pescador. Quanto mais ele rema em direção à terra, mais tem a impressão de estar sendo perseguido sem se dar conta de que a mulher-esqueleto estava emaranhada na sua linha. Ao descer do barco, na praia, o pescador sai correndo agarrado à sua vara de pescar e o esqueleto branco vem atrás aos solavancos preso na linha. Inclusive no caminho até seu iglu, o esqueleto, que estava faminto, come um peixe congelado. Chegando ao iglu e se imaginando salvo, acende a lamparina e se depara com a mulher. Talvez em função de sua solidão, sem saber direito o que aconteceu, ele estende as mãos e delicadamente começa a soltar o esqueleto da linha de pescar, falando como a mãe fala ao filho. Ela, com medo de ser novamente lançada fora, fica bem quieta e o pescador acaba adormecendo. Ao adormecer rola uma lágrima do pescador e a mulher-esqueleto

<sup>20</sup> MARTIN, 2012, p. 334.

<sup>21</sup> ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>22</sup> Os inuítes são membros da nação indígena esquimó, habitantes das regiões árticas.





que está com sede bebe aquela única lágrima que parecia um rio até saciar sua sede de anos. Logo após, deitada ao lado do homem que dormia, estende a mão e retira seu coração que era como um tambor forte. Enquanto marcava o ritmo, começa a cantar em voz alta e quanto mais cantava, mais seu corpo se reveste de carne. Ela então canta e vai formando todas as coisas de que as mulheres precisam: cabelos, olhos, pernas, seios, calor. Quando está pronta, deita ao lado do pescador, devolve seu coração e suas peles se tocam. E assim, acordam, abraçados um ao outro, enredados da noite, juntos de uma forma boa e duradoura.

Estabelecendo relações entre a vida de Outono e o conto inuíte, perguntamos: O que Outono teria feito para ser jogada pelo pai no fundo do mar? Permanecer no fundo desta água pode se referir a permanecer inconsciente de seu feminino e com medo do amor conforme seu relato. Será que Outono, na condição de filha única, ficou esperando um parceiro que cuidasse dela como fez sua mãe? Teria ela, após o falecimento da mãe, ficado sentindo-se responsável pelo bem-estar do pai assumindo simbolicamente seu lugar? Como teriam se dado estas identificações de Outono com suas figuras parentais? Por que ela se afasta do amor? Como está se manifestando seu feminino? Ao permanecer no fundo do mar, ela vai se tornando a mulher esqueleto, já que tem suas carnes (aquilo que simbolicamente faz dela uma mulher completa) e seus olhos (a forma de ver o mundo) comidos pelos peixes. A permanência na inconsciência de sua condição feminina vai transformando-a em outro ser descarnado e sem visão.

O pescador simboliza arquetipicamente o mesmo que o caçador: representa “os elementos psicológicos dos seres humanos que procuram saber, que lutam para nutrir o *self* por meio da natureza instintiva”<sup>23</sup>. Este pescador do conto que pensa estar apenas buscando seu alimento encontra-se, na verdade, com a natureza feminina avariada de Outono. Este encontro que se dá no ônibus, que leva tanto Outono quanto seu “pescador” para o trabalho, parece ter a finalidade de sacudir a ambos e colocá-los frente a esta impossibilidade de fugir do amor. Como no conto não adianta tentar correr, a linha está emaranhada e a fome está presente. Quanto mais tentam correr, mais um persegue ao outro. Seus destinos estão amarrados como a linha do anzol nas costelas da mulher-esqueleto. Ao deparar-se com a capa escura, Outono tenta fugir porque tem medo do preço que o amor cobra. Mas é tarde... E, então, ela vive a intensidade das investidas do homem de capa preta, por entre um misto de medo e de entrega, pois, segundo ela, “intuía que algo aconteceria após esta relação fortuita e fugidia”. Em seu relato, ela continua: “Mesmo que eu quisesse permanecer, tudo confluía para que isso não acontecesse... mas eu queria”. Mesmo com todos os indícios de que ela deveria romper, paradoxalmente ela continuava, como uma espécie de exercício incansável de desvelar tudo o que ficara no fundo do oceano resultando no seu esqueleto e, assim, ia desvelando-se...

---

<sup>23</sup> ESTÉS, 1994, p. 176.



Para Clarissa Estés<sup>24</sup>, “amar significa ficar quando cada célula nos manda fugir”. E nosso conto segue falando dessa transformação que só pode acontecer quando os dois parceiros ficam no iglu e entregam-se às tarefas do amor. O adormecimento do homem de capa preta possibilita a Outono o recuo de suas próprias defesas para se permitir a aproximação necessária para que sua alma se entregue ao outro. Apesar das dúvidas, algo mais forte impulsiona Outono em direção ao seu pescador.

Outono era uma mulher sedenta e o pescador solitário (mesmo que sempre estivesse acompanhado de muitas pessoas) a sacia com suas lágrimas. Embora na história inuítas a lágrima seja do pescador, acreditamos que o grande elemento transformador na vivência de Outono seja o choro dela própria, lágrimas que muito derramou pelo homem da capa preta do ônibus. Ao chorar em nome de seu amor, Outono vai entrando em contato com sua dor e sua sede vai sendo amainada. Paradoxalmente, quando somos capazes de superar o medo e entrar em contato com nossos verdadeiros sentimentos, grandes mudanças acontecem. E foi o encontro com esse homem da capa preta que fez com que ela desejasse participar mais da vida mesmo que à custa de possíveis frustrações, em busca da inteireza no amor e, por conseguinte, moldando sua autoformação existencial. Para que o amor entre, é preciso que o coração se parta de alguma forma.

Para a referida analista junguiana<sup>25</sup>,

Essa lágrima da paixão e da compaixão surge na maioria das vezes depois da descoberta acidental do tesouro, depois da perseguição apavorante, depois de o esqueleto ser desmembrado – pois é uma combinação destes atos que gera a exaustão, a derrubada das defesas, o exame de si mesmo, o despir-se até os ossos, o desejo tanto de conhecimento quanto de alívio. Tudo isso faz com que a pessoa investigue o que a alma realmente quer e chore pela perda e pelo amor de ambos.

Quando as imagens do coração como um tambor marcando o ritmo da vida de Outono se fazem presentes, podemos imaginar que ela se move agora prestando atenção ao compasso que orienta sua essência. Trata-se de uma imagem arquetípica que define aquilo que é essencial à vida de todos os seres humanos. Ninguém vive sem um coração, órgão que atua como centro fisiológico e psicológico. Aqui a imagem invocada é a de que Outono aprendeu a importância de ouvir a cadência de seus sentimentos e passa a se orientar por eles. É este coração tambor instintivo que passa a dar o tom da vida de Outono.

Clarissa Estés<sup>26</sup> afirma que “o canto brota de uma fonte misteriosa, que anima toda a criação, todos os animais, seres humanos, árvores, plantas e tudo o que o ouvir”. O canto da mulher-esqueleto junto com o coração do pescador cria a estrutura psíquica capaz de suportar o risco de “arder no inferno” da dúvida, do medo e da dor. Cantando alto, talvez em estado de transe, de

---

<sup>24</sup> ESTÉS, 1994, p. 180.

<sup>25</sup> ESTÉS, 1994, p. 196.

<sup>26</sup> ESTÉS, 1994, p. 202.



oração, com sua consciência alterada pelo som, Outono vai se cobrindo de carne novamente. Os deuses que dão canções ao seu povo no momento da criação abençoam Outono com esse restabelecimento da inteireza. Um corpo de mulher vai se formando a partir deste canto. Esta carne feminina e este olhar que pode ser reconstituído apontam para esta possibilidade de viver todos os estágios do amor. Uma nova visão doada pelos deuses do amor.

O pescador e a mulher-esqueleto transformada se abraçam. E quando suas peles se tocam, o resultado é a nova vida que se descortina para Outono. Um novo feminino nasce a partir deste relato. Outono não será mais a mesma. Ela se transformou de esqueleto em mulher viva, com carnes e olhos. “Fazer amor é fundir a respiração e a carne, o espírito e a matéria. Um se encaixa no outro”<sup>27</sup>. Agora ela está consciente da necessidade de viver o amor sem medo e com inteireza. Esta é a transformação típica de quem aprende a amar.

### **Reflexões autoformadoras – da capa preta ao protetor ausente**

Nesta narrativa, Outono afirma que este homem que “levou-a da suavidade e leveza do paraíso, ao fogo ardente e exonerante do inferno” apresentou-a à natureza dos opostos na vivência de uma história de amor. Assim, encontramos em Carl Jung<sup>28</sup> a afirmativa de que a nossa natureza inconsciente nos ajuda, como podemos constatar empiricamente através do relato de Outono, quando os símbolos que emergem revelam a confrontação destes opostos, enquanto as imagens de finalidade representam a união bem sucedida dos opostos. Para ele<sup>29</sup>, é tarefa da consciência compreender estas indicações. O paraíso e o inferno narrados por Outono estão simbolizando estas duas forças antagônicas que a dilaceraram e que, ao serem conscientizadas, permitiram que um novo sentido fosse encontrado para apaziguar sua expectativa.

A vivência relatada por Outono nos remete à natureza mais profunda das mulheres, nem sempre consciente para a mulher moderna, onde elas podem viver uma vida com integridade, possam encarnar essa força que todas possuem e possam lembrar quem são e o que representam. Outono encontrava-se desconectada desta natureza instintiva ao viver de forma unilateral, enraizada no *logos*, e desprezando sua necessidade de relacionamento. Surge então uma força criadora na psique desta mulher que fertiliza sua aridez, que transforma sua vivência em experiência, através de sua reflexão sobre aquilo que narra Clarissa Estés<sup>30</sup> ao dizer que

Quando perdemos o contato com a psique instintiva, vivemos num estado de destruição parcial, e as imagens e poderes que são naturais à mulher não tem condições de pleno desenvolvimento. Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos

<sup>27</sup> ESTÉS, 1994, p. 208.

<sup>28</sup> JUNG, 2008, p. 102.

<sup>29</sup> JUNG, 2008.

<sup>30</sup> ESTÉS, 1994, p. 23.



naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego – dela própria ou de outros.

Por medo, Outono tentava controlar sua vida, evitando o contato com o amor. “Quando uma vida é excessivamente controlada, cada vez há menos vida a controlar”<sup>31</sup>. E, quanto menos vida a controlar, menos vida a viver. Seguro, porém, cinza, sem cor, sem alma. O encontro com o homem da capa preta faz com que Outono seja levada a se perder na sedução das estrelas e perca o medo de sonhar com o amor. Embora sendo muito intuitiva e propositiva, Outono não ousava sonhar, entrincheirada que estava no *logos*. Perder o medo é aprender a confiar. Porque, sim, precisamos aprender a confiar. “A única confiança necessária é a de saber que, quando ocorre um final, vai surgir um novo começo”<sup>32</sup>. E Outono, ao experimentar o amor, aprende que um novo começo almejado é possível e arrisca-se nele.

O símbolo do esqueleto nos mostra a dureza e a dificuldade de articulação que faziam parte da vida desta professora. Assim, a metáfora da transformação realizada a partir desta grande estrutura sólida que se enche de carnes, ligamentos, partes moles e que ganha vida pelo amor, parece evidenciar que se trata de um encontro com aquilo que era necessário para seu processo de tornar-se mais plena. A vida instintiva, encarnada, que estava enclausurada em algum lugar escuro dentro de Outono, vem à luz através da possibilidade de se assumir como ser humano total, ossos e carnes compondo este todo.

E o interessante em tudo isso é que, segundo relata a professora, a partir dessa experiência ela se tornou mais leve na execução de seus ofícios, quando estes exigem posturas firmes e de mais autoridade. A experiência da entrega trouxe maior flexibilidade e fluidez para todos os aspectos da vida de Outono. Portanto, pode-se depreender que esta vivência tornada experiência formadora foi fundamental para emergir uma nova posição existencial.

A vida humana apresenta-se pois de forma ininterrupta nesta dialética do bem-estar e do sofrimento. É nesse incessante retorno desse “jogo de ioiô” que emerge uma posição existencial, mais ou menos ativa para tentar uma saída [...] e para ir à descoberta de uma nova forma de “governar” a própria existência, nova maneira essa considerada a melhor para amortecer os impactos, muitas vezes perturbadores, dessa dialética.<sup>33</sup>

Talvez os momentos dialéticos entre o bem-estar e o sofrimento vividos por Outono tenham intensificado esse caminhar em direção a si mesma, trazendo à luz aquilo que já lhe habitava e imaginava: ver no repressor o protetor ausente! Ou seja, ao ser intimada pelo senhor de capa preta, tamanha foi a força que não conseguiu resistir, deixando que em lugar desta capa, outrora assustadora, emergisse o anjo de braços fortes, não sem sofrimento... Anjo que trouxe Outono de volta para si mesma, ao encontro de sua totalidade. Com Estés<sup>34</sup>, percebemos que num

<sup>31</sup> ESTÉS, 1994, p. 194.

<sup>32</sup> ESTÉS, 1994, p. 195.

<sup>33</sup> JOSSO, 2004, p. 89.

<sup>34</sup> ESTÉS, 1994.



relacionamento amoroso ocorre o acasalamento do mortal com o imortal. Para esta autora, o caminho do coração é o caminho da criação e é preciso encarar nossa ferida e entrar em cooperação com o que tememos. O verdadeiro relacionamento amoroso se dá com cada parceiro transformando o outro. Mas também onde cada um de nós, ao adquirir consciência sobre nossa vida, podemos integrar estes aspectos desconhecidos ou dolorosos e transformá-los – este relacionamento amoroso que acontece quando nossa alma (imortal) é integrada à nossa vida (mortal).

Para Carl Jung<sup>35</sup>, “a inconsciência nunca pode valer como desculpa perante o tribunal da natureza e do destino. Ao contrário, grandes castigos pesam sobre ela e é por isso que toda a natureza inconsciente anseia pela luz da consciência”. Outono, ao fazer consciência sobre seu processo, transforma-se na medida em que adquire a consciência reflexa, compreendendo a unilateralidade de sua vida. Ao libertar-se de suas feridas, encontra, segundo suas próprias palavras, **“um libertário, aquele que fará com que ela prove do fruto da árvore da vida... será aquele que a encorajará encontrar esse itinerário como modo de recuperar o sonho perdido”**<sup>36</sup>.

E este é ela mesma e sua consciência sobre o amor.

E, assim, caminham mulheres professoras em direção às simbologias femininas que nutrem novas possibilidades de reinvenções de si e do outro.

## Referências

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARRETO, Cristhianny Bento (orgs.). *A nova aventura [auto] biográfica*. Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 59-89.

JUNG, Carl Gustav. *Resposta a Jó*. Obras completas. Vol. 11/4. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e religião oriental*. Obras completas. Vol. 11/5. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTIN, Kathleen. *O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas*. Colônia, Alemanha: Taschen, 2012.

<sup>35</sup> JUNG, 2008, p. 102.

<sup>36</sup> Fragmento retirado do item “O encontro com o amor – uma narrativa entre o vivido e o imaginado”, contido neste texto. Grifo nosso.



PENNA, Eloisa M.D. *Epistemologia e método na obra de C.G. Jung*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2013.

SCOZ, Beatriz. *Identidade e subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar*. São Paulo: Vozes, 2012.

[Recebido em: novembro de 2016 /  
Aceito em: dezembro de 2016]